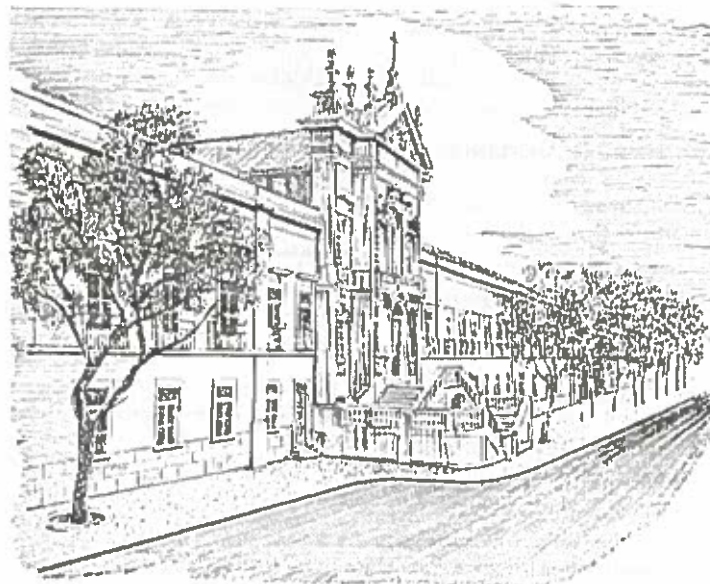


50 Anos de PATRONOS da Escola do Exército e da Academia Militar

1953-2003



Edição Comemorativa da Academia Militar

Lisboa, 2004

Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar: Tradição e Coesão

João Vieira Borges
Tenente-Coronel de Artilharia

A Escola do Exército (EE) e a Academia Militar (AM), como instituições militares de ensino superior do nosso País, foram e continuam a ser possuidoras das mais vastas e nobres tradições, que se enraízam na existência da própria instituição militar e nos fundamentos de Portugal como Estado soberano. Formadoras de sucessivas gerações de líderes (homens e mulheres, civis e militares destinados aos três ramos das Forças Armadas e, mais recentemente, à GNR), que foram e são protagonistas da própria História de Portugal, contribuíram e continuarão a contribuir para a consolidação de uma verdadeira “armadura espiritual” do Estado.

A presente obra representa uma colectânea dos Patronos da EE e da AM¹, construída ao longo de cinco décadas por ex-alunos, que respeitaram os desígnios estabelecidos pelo General Alexandre Corrêa Leal, quando em 1953 definiu, pela primeira vez, os Patronos dos cursos como “uma figura simbólica e expressiva da nossa História, que servisse de guia e de rumo aos alunos”. O Patrono passava, a partir de então, a constituir uma personalidade notável, uma “estrela” brilhante para a alma, um exemplo a seguir, de amor à pátria e à justiça, de obediência ao dever e ao sacrifício e de respeito pelas leis e pelo Homem. Passados 50 anos, constatamos que os Patronos, entendidos simultaneamente como protectores e como guias, são identificados com um militar português de reconhecido valor (militar e moral), e constituem simultaneamente Tradição e Coesão para todos aqueles que escolheram voluntariamente a carreira das armas “de sacrifícios, de lutas e de canseiras”.

Tradição, porque os Patronos têm sido um instrumento de transmissão de valores, de virtudes militares, e de conhecimento histórico ao longo de 50 anos e a cerca de 5.000 alunos, desde o curso “Viriato” (finalistas 1953/54), até ao curso “General Fortunato José Barreiros” (entrada 2003/04)².

Também Tradição, porque se manteve, ao longo dos anos, todo um cerimonial associado à apresentação do Patrono, que passa desde 1960/61³ pela exaltação das qualidades do Patrono na “Cerimónia conjunta de apresentação do Patrono, compromisso do código de Honra e de apresentação do Estandarte Nacional⁴”, que se realiza normalmente no mês de Novembro, cerca de 2 a 3 meses após os primeiros passos na Escola de formação de oficiais. Esta cerimónia continua a ser fundamental para a formação militar, moral e cívica dos alunos, visando desenvolver atributos de carácter, alto sentido do dever, auto-estima nacional, honra, lealdade, culto da ordem e da disciplina.

Ainda Tradição, porque durante todos estes anos os critérios para escolha dos mais prestigiados protagonistas da História militar portuguesa passaram por propostas e estudos apresentados por Professores ou pela Direcção do Serviço Histórico Militar ao Comandante da Academia Militar, após o que se seguia a homologação do Estado-Maior do Exército e a nomeação de um Professor para efeitos de elaboração da biografia (e apresentação de um resumo na cerimónia reservada para o efeito). E aqui, foi sempre ponto de honra, que a figura do Patrono fosse um militar de indiscutível valor como patriota, como combatente e como homem, sempre distante em termos históricos (pelo menos três gerações), no sentido do “pó da história” atenuar eventuais mal-entendidos e conjunturas políticas e militares mais ou menos desfavoráveis. Nas palavras cuidadas do então Tenente-Coronel do C.E.M. Pereira da Conceição, o Patrono era representativo de personalidades e figuras, “onde o grandioso se junta ao humano, onde o amor da terra se junta ao amor das gentes, onde a paixão de servir uma causa nobre se junta ao ardor duma inteligência rara”. Ou seja, cultura militar, especificidade e identidade do ensino superior militar...

Mas também Coesão, porque os objectivos, que o General Corrêa Leal estabeleceu passavam pela criação de um elo forte de ligação entre os jovens desde o Minho a Timor (e hoje ao Algarve ou às Flores),

que enfrentavam, pela primeira vez, a instituição militar e que, passados 25 ou 50 anos, voltam com saudade e grande espírito de camaradagem à sua casa-mãe.

Coesão, porque o Patrono, como protector-guia, constitui um verdadeiro factor de coesão, de ligação e união forte entre jovens de um mesmo curso, que enfrentam em conjunto as adversidades naturais do ser militar.

Nascidos para o Exército⁵ com o curso “D. Pedro, Infante de Portugal”, tivemos o privilégio de elaborar a biografia do Patrono do curso “D. Miguel Pereira Forjaz” e, mais recentemente, a responsabilidade de apresentar à consideração superior as propostas para os Patronos dos últimos seis cursos de entrada na AM. Estas ligações privilegiadas aos Patronos levaram-nos a constatar o desaparecimento de algumas das biografias editadas por Professores da EE e da AM mas, sobretudo, a associarmos a coincidência dos 50 anos de Patronos à necessidade de salvaguardar um Património da Academia Militar, do Exército e do País. Assim, com o apoio explícito do Comandante da Academia Militar, Tenente-General Salgueiro Porto, reunimos uma pequena equipa e demos “canetas à obra”. Começámos com uma recolha de todos os textos originais, com o apoio da biblioteca da AM, dos anuários⁶ e da memória de alguns ex-alunos, a que se seguiu o trabalho desenvolvido pela D.^a Helena Branco, secretária do Centro de Investigação da Academia Militar (CINAMIL), que transformou todos os ficheiros em “word” (aproximadamente mil páginas), ao longo de cerca de quatro meses. Só, depois, contámos com o apoio científico do Mestre Eurico Dias, que já tinha colaborado na obra *Generais do Exército Português*, no sentido da revisão de todos os textos, da sua “anotação histórica” e da elaboração de um texto científico (ao contrário deste, meramente reflectivo e informativo) sobre “considerações histórico-etimológicas em torno da noção de «Patronos»”. Este trabalho, realizado ao longo de mais de seis meses a tempo inteiro, teve especial incidência na criação, após alguns ajustamentos, de notas finais para cada Patrono, que incluem o necessário complemento e actualização histórica, com especial destaque para a referência à bibliografia da época, à bibliografia específica, a obras publicadas pelo Patrono, a entradas enciclopédicas e a um pequeno resumo da vida e obra do Patrono. Terminado o trabalho “científico”, seguiu-se a sua transformação em ficheiros PageMaker que incluíam (obrigatoriamente) as sempre complicadas gravuras dos Patronos, obtidas, em parte, com o apoio do Arquivo Histórico Militar, pois nem sempre as gravuras incluídas nos textos originais tinham qualidade ou representavam do melhor modo a figura histórica do Patrono⁷. Outro aspecto, não menos importante, foi a inclusão de alguns símbolos, textos e quadros, que pretendem facilitar a consulta e a análise por qualquer leitor ou investigador. A passagem à impressão teve ainda muitos encontros e desencontros, com a colaboração, na revisão, da Mestre Sofia Menezes, do Capelão Rui Lopes, do Coronel Melo Parente e no secretariado do Major Marquês de Sousa. Em todo o tempo não olvidámos a importância da participação de alunos de todos os cursos (para além do TGEN Cmdt da AM e do General Cerqueira Rocha⁸), quer em termos de revisão, quer em termos de elaboração de textos, intenção esbatida por limitações editoriais, mas não esquecida no que concerne à difusão e lançamento editorial...

Dar à luz o trabalho de 49 Professores da EE e da AM⁹, desde o Tenente-Coronel Alfredo Pereira da Conceição (saída 1953/54 - Viriato) ao Major de Artilharia Pedro Marquês de Sousa (entrada 2003/04 - Fortunato José Barreiros), num trabalho original em termos editoriais, constitui uma obrigação de qualquer ex-aluno, mas um especial privilégio e uma grande Honra para aquele a quem o destino marcou um tempo e um espaço.

Os trabalhos, que tivemos o prazer de ler, são detentores de informação desconhecida do público em geral e dos investigadores em particular (pelo acesso fácil dos ex-alunos às famílias dos homenageados) e, apesar dos estilos necessariamente diferentes, poderão e deverão ser alvo de análises mais cuidadas ao nível das ciências e tecnologias militares e, em especial, no âmbito da Liderança e da História Militar. Entre os seus autores, encontramos ilustres professores da EE e da AM, que vão desde o posto de Capitão ao de Coronel, e que incluem ainda o Cónego António dos Reis Rodrigues (então Tenente-Coronel Capelão e hoje Bispo de Madausuma). Alguns desses oficiais, são hoje Oficiais Gerais e constituem também um exemplo vivo para os futuros alunos do século XXI, com valores, comportamentos e acções a que o tempo saberá dar melhor consistência, como o melhor aliado da verdade...

Entre os vários trabalhos, não podemos deixar de destacar a importância da primeira obra dedicada ao Patrono “Viriato”, enquanto modelo primordial de todas as dissertações, trabalho que constitui toda uma estrutura textual e uma orgânica funcional de investigação histórica, quer ao nível do método discursivo (que irá ser adoptado daí em diante, sem grandes alterações), quer na adopção de uma “dinâmica propagandística”, bem típica dos trâmites e programas do Estado Novo¹⁰. Aliás, entre o primeiro patrono em 1953 e os patronos até ao 25 de Abril de 1974, é de destacar a prática da “apologia do herói”, que em parte se mantém sem carácter consequente nos trabalhos posteriores, em função da formação (e espírito) dos autores e dos objectivos inerentes. No fundo é a matriz ou a forma que os trabalhos subsequentes tomam também por sustentáculo, independentemente das variáveis política, económica, social, cultural, religiosa ou militar.

Apesar do século XXI estar assente na “era da informação”, que exponenciou a globalização e o terrorismo, e na “revolução nos assuntos militares”, os Patronos continuam a ser ilustres portugueses de armas, que se identificam com a organização militar em geral e com os futuros oficiais, “chefes militares, servidores públicos, gestores de recursos, homens de acção com formação superior e vastos conhecimentos militares (e policiais, no caso da GNR)”. Como educar e formar não são tarefas neutras, os Patronos devem continuar o seu papel na componente do SER Oficial, como instrumento de afirmação dos cursos de um conjunto de jovens que continuam a escolher servir Portugal de livre vontade...

Para terminar, fazemos votos para que continue a ser tradicional (e não uma pura rotina) na Academia Militar, escolher todos os anos uma figura da nossa História para Patrono dos cursos de entrada, cuja vida e obra sejam recordadas aos alunos através da distribuição de uma pequena síntese biográfica e da realização de uma cerimónia militar. Encontrar na História de Portugal os verdadeiros “heróis, os corações magnânimos, as mentes geradoras dos mais elevados intentos” é missão exequível por muitos anos, tal a qualidade e capacidade de intervenção dos fortes e doutos “capitães” (de Camões) na construção de Portugal. Com o orgulho de pertencermos a uma Instituição Secular de Excelência, com um passado ímpar e um futuro de esperança, passamos aos vindouros o testemunho da TRADIÇÃO e da COESÃO e dedicamos esta colectânea a todos os ex-alunos da ESCOLA DO EXÉRCITO e da ACADEMIA MILITAR.

Paço da Rainha, em Lisboa, aos 20 dias do mês de Abril de 2004.



“Cerimónia conjunta de apresentação do Patrono, compromisso de Honra e de apresentação do Estandarte Nacional”, do curso “General Fortunato José Barreiros”, no Destacamento da AM na Amadora.

Nótulas bibliográficas:

¹São "50 Anos de Patronos" (e não 50 Patronos), porque nos referimos ao período entre a tomada de decisão da criação dos Patronos (1953, inicialmente para os cursos de entrada e depois para os finalistas, com aprovação em Conselho Escolar) e o Patrono dos cursos de entrada de 2003/2004. Os primeiros Patronos, entre 1953/54 e 1956/57, foram destinados aos cursos de finalistas (1953/54, 1954/55, 1955/56) e de tirocinados (de 1957/58), em função da orgânica da então EE, em que os alunos podiam entrar directamente para o 1º ano das armas (com os preparatórios da universidade) ou ser admitidos ao chamado Curso Geral Preparatório (com o curso geral dos liceus). Em Janeiro de 1959, o Comandante da nova Academia Militar, General Humberto Buceta Martins, tomou a decisão de que os Patronos deveriam ser atribuídos aos cursos de entrada, o que se tem verificado desde então, a partir do curso de entrada 1958/59 "Duarte Pacheco Pereira".

²Com excepção de quatro cursos que não tiveram Patrono nomeado, nem qualquer cerimonial associado (cursos de entrada de 1954, 1956 e 1957, porque ainda não estava normalizado para os cursos de entrada, e curso de 1975/76, porque os 40 alunos admitidos só ingressariam em 1976), todos os restantes respeitaram a Tradição. Os ex-alunos destes quatro cursos, tal como todos os seus antecessores (desde 1837), têm como Patrono o Marquês de Sá da Bandeira, o fundador da EE, antecessora da actual AM.

³Entre 1958 e 1960, foi apresentada uma síntese histórico-biográfica do Patrono na cerimónia das comemorações do aniversário da EE (a 12 de Janeiro), sessão solene que incluía então a entrega das espadas aos novos oficiais.

⁴Inicialmente também da Bandeira Nuno Álvares e da Bandeira Nacional.

⁵O Patrono do Exército é D. Afonso Henriques, havendo ainda a tradição dos patronos das Armas e Serviços (casos de Nuno Alvares Pereira na Infantaria, de Santa Bárbara na Artilharia e de Mousinho na Cavalaria) ou mesmo em corpos de tropas especiais (caso de S. Miguel como Patrono dos pára-quedistas).

⁶Depois de 1912, o primeiro anuário só teria lugar em 1959 (relativo ao ano lectivo 1958/59), por iniciativa do General Humberto Buceta Martins, então Comandante da Academia Militar.

⁷Algumas das gravuras foram adaptadas. Foram ainda retiradas, dos trabalhos originais, algumas gravuras ou quadros, que em muito enriqueceriam esta obra mas que por razões editoriais são simplesmente referenciadas para consulta posterior na biblioteca da Academia Militar.

⁸Oficial mais antigo do curso "Viriato" (finalista 1953/54), o primeiro curso a utilizar as instalações do Destacamento da Amadora da AM, em 1951.

⁹Por ordem cronológica dos cursos de saída/entrada e não da vida dos Patronos.

¹⁰Podemos destacar ainda, que a grande maioria das obras, teve como referência Elaine Sanceau, e as colecções «Pelo Império» [Agência Geral das Colónias, década de 1930] e «Grandes Portugueses» [1940-1950], inserindo-se num conjunto que serve de base a todos estes escritos e autores.